

## “PESCADORES DO LITORAL PARANAENSE”:

### Colônia de Pescadores de Matinhos, Saberes e Conquistas

SOUZA, Luzia<sup>1</sup>; NOGUEIRA, Christiano<sup>2</sup>; GONÇALVES, Eduarda<sup>3</sup>

#### RESUMO

O presente ensaio etnográfico versa acerca das tradições familiares das Colônias de Pescadores pelos arredores do litoral paranaense, que contam com duzentas e cinquenta moradias, hoje espalhadas num contorno ambiental constituído por bairros nos quais predominam a cultura da pesca. Os saberes tradicionais das construções das canoas, revelados nos diálogos junto às lideranças comunitárias do centro de Matinhos-PR, assistidos e norteados durante o módulo Natureza, Cultura e Territorialidades, em meados do outono de 2018, favoreceu o acesso a esse universo e à lucidez que o traspassa, cuja relevância mora no desenvolver, no caminhar, provado e apreciado, em evidência aos mais diversos retornos e signos coletados da pesquisa. Abordou a respeito da sobrevivência e das habilidades locais, com as quais buscamos nos posicionar, conversar e clarear sobre suas realidades. O trabalho contribuiu para a compreensão dos benefícios do uso das canoas de fibra, material benéfico para o meio ambiente, em detrimento à canoa de madeira, o que se tornou uma saída para os enfrentamentos ao ICMBio em relação ao uso da Guapiruvu, da Figueira e da Timburi, além da melhoria na qualidade das canoas quanto à resistência, durabilidade e custo. Os conhecimentos transmitidos por décadas, de avós e pais para seus descendentes e para outros indivíduos que buscam seus ensinamentos, demonstram a cultura dos povos tradicionais caiçaras, que lutam em comunidade e vêm compor e enriquecer essa tradicional forma de apreender a realidade, que busca fortalecer e contribuir com os direitos consuetudinários dessa gente.

**Palavras Chave:** colônia tradicional; caiçara, pescador.

---

<sup>1</sup>Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1990). Especialista em Plantas Ornamentais e Paisagismo (2004) e em Plantas Medicinais (2008) pela Universidade Federal de Lavras-MG, Mestranda em Mestrado profissional em programa de Pós Graduação em Rede para o Ensino das Ciências Ambientais em 2017, no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná . Atualmente Servidora Pública Municipal da Prefeitura Municipal de Curitiba-PR como Professora de Ciências do Ensino Fundamental, E-mail: lummasol@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Licenciatura em Física pela Universidade Federal do Paraná (1998), Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2004) e Doutorado em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (2015). Atualmente professor da Universidade Federal do Paraná, setor Litoral. Na graduação atua nos cursos de Licenciatura em Ciências e Tecnologia em Gestão Imobiliária. Na Pós-graduação atua no Mestrado em Rede para o Ensino das Ciências Ambientais nas disciplinas de Ambiente, Sociedade e Educação e também nas disciplinas relacionadas a tópicos de Educação Ambiental. Realiza atividades de pesquisa sobre as relações Sociedade e Natureza e também sobre os fundamentos e concepções de Educação Ambiental, E-mail: chnogueira@gmail.com

<sup>3</sup>Sanitarista, bacharelada em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Paraná (2014). Especialista em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fiocruz, ENSP, Brasil (2017). Mestranda em Mestrado profissional em Programa de Pós Graduação em Rede para o Ensino das Ciências Ambientais. Atualmente Servidora Pública Municipal da Prefeitura Municipal de Matinhos - PR como Fiscal Sanitarista atuando na Vigilância em Saúde (2013), Autoridade Sanitária, membro da equipe de saúde do trabalhador e Coordenando o Programa Saúde na Escola representando a Secretaria Municipal de Saúde de Matinhos - PR. (2014), E-mail: eduardacpoletto@gmail.com

## "FISHERMEN OF THE PARANAENSE COASTAL":

### Colony of Fishermen of Matinhos, knowledge and achievements

#### ABSTRACT

The present ethnographic essay deals with the family traditions of the Fishermen 's Colonies around the coast of Paraná, with two hundred and fifty dwellings, today scattered in an environmental contour formed by neighborhoods, in which fishing culture predominates. The traditional knowledge of the construction of canoes, revealed in the dialogues with the community leaders of the center of Matinhos-PR, assisted and guided by module Nature, Culture and Territorialities, in the middle of the autumn of 2018, favored access to this universe and to the lucidity that transgresses it, whose relevance lies in developing, in walking, proved and appreciated, in evidence to the most diverse returns and signs collected from the research. He talked about survival and local skills, with which we seek to position ourselves, talk and clarify about their realities. The work contributed to the understanding of the benefits of using fiber canoes, environmentally beneficial material, to the detriment of the wooden canoe, which became an outlet for the ICMBio confrontations regarding the use of Guapiruvu, Figueira and of Timburi, in addition to improving the quality of the canoes for strength, durability and cost. The knowledge transmitted over decades from grandparents and parents to their descendants and to others individuals who seek their teachings, demonstrate the culture of the traditional caiçaras peoples, who struggle in community and come to compose and enrich this traditional way of apprehending reality, which seeks to strengthen and contribute to the customary rights of these people.

**Keywords:** traditional colony; caiçara, fisherman.

#### INTRODUÇÃO

Segundo Németh e Netto (2011, p. 9), o Brasil é o país com a maior variedade de canoas do mundo. Já utilizadas muito antes do ano 1.500 pelos indígenas no litoral, na Amazônia, no Pantanal e nos rios do interior brasileiro, as canoas brasileiras receberam novas influências e detalhes com a chegada dos portugueses e depois dos escravos africanos, a primeira adaptação foi o uso da vela.

De acordo com Andrioli (2007), os pescadores da costa paranaense da cidade de Matinhos, praticam o pescadao a 3 km do local onde ficam suas embarcações e seus equipamentos de pesca, numa região vizinha da EMATER e da Comunidade Tradicional de Caiçaras Pescadores artesanais, em frente ao Mercado Municipal de Pescado, sendo que muitos dos marítimos residem em Mangue-Seco, Rio da Onça, Flamingo, Riviera e Sertãozinho, vilas que compõem essas redondezas.

As Colônias de Pescadores do litoral do Paraná e a pesca despertam a atração e o interesse de visitantes e pesquisadores preocupados em registrar acerca da relevante riqueza de saberes que os seus integrantes carregam ao longo da história. A respeito desses saberes, da aprendizagem dos conhecimentos, das vivências e das experiências, versa o presente documento, objetos de pesquisa que deságuam na abrangência da Educação Ambiental.

Esta averiguação colabora com a preservação ambiental através das UCs, em sintonia com as Colônias de Pescadores que sobrevivem da atividade pesqueira artesanal e da confecção dos seus próprios materiais de pesca, canoas de fibra e redes de pesca, saberes herdados dos seus familiares antecessores e pela busca do aprimoramento de novas técnicas. Tem o intento de traduzir o cenário das habilidades pesqueiras e de contribuir com a permanência das comunidades caiçaras, através da

valorização e da manutenção dos interesses da pesca artesanal, do turismo, da pesquisa e dos interesses das Comunidades Tradicionais, a fim de evitar seu colapso.

### **RELATO ETNOGRÁFICO: SABERES E CONQUISTAS DOS CAIÇARAS**

O atual registro explana acerca dos saberes, da aprendizagem dos conhecimentos, das vivências, experiências e da sobrevivência das Comunidades Pesqueiras dos arredores da orla marítima de Matinhos-PR, sendo a Colônia de Pescadores do centro da cidade, o nosso foco principal das investigações, através de diálogos com suas lideranças comunitárias. Na busca da amplitude educacional do meio ambiente, esta demanda acadêmica do Curso de Mestrado Profissional de Ciências Ambientais PROFCIAMB - UFPR Setor Litoral, nos conduziu pela orla marítima de Caiobá até a frente do mercado e dos bares próximos ao reduto dos pescadores no centro de Matinhos-PR, onde observamos a movimentação dos barcos de pesca no mar, pelas 10h30 da manhã de sábado, no dia nove de junho de 2018, nas imediações de Sertãozinho, Riviera, Mangue-seco, Rio da Onça, Flamingo e Tabuleiro, e nos aproximou dos nativos caiçaras e seus locais de convivências e vivências e da produção dos seus principais objetos pesqueiros. Favoreceu o objetivo da coleta de dados e sinais repletos de sentidos para nortear nossos esforços. Abordou a respeito dos hábitos comunitários, dos costumes, da sobrevivência, do sustento, do trabalho e das habilidades locais, com os quais procuramos nos posicionar, conversar e clarear sobre suas realidades.

O trabalho ocorreu por meio do ensaio etnográfico, com entrevistas assentadas em relatos dos pescadores, e dessa forma, imergimos nos saberes e habilidades tradicionais, no pertencimento ao território, e pudemos circular naquele âmbito, desde o espaço para a confecção das canoas e das redes até o mercado de peixes.



**Figura 1:** Mercado de peixes de Matinhos Fonte 1: Michel Santos

O pescado, relevante meio de sustento e alimento para as famílias locais e que abastece o mercado de Matinhos, cuja atuação masculina é notável através das embarcações realizadas apenas por eles, contam com a indireta participação feminina, na pesca com seus maridos, na limpeza dos camarões, dentre outras atividades de apoio à pescaria, muitas vezes não reconhecida pelo valoroso trabalho que realizam. Neste seguimento, nas oficinas de produção das canoas e redes e em busca da compreensão das inte-relações e experiências que abarcam a vida da pesca marítima, fomos recebidos pela liderança local, Interlocutor 1, que é um dos integrantes da família pesqueira, seus irmãos, suas esposas, seus primos, filhos e agregados. A técnica da fabricação das canoas é uma tradição transferida de avós, pais para netos e filhos que ocorre há décadas, vem sendo aprimorada ao longo do tempo e passa pela preferência da produção de canoas de fibra, material importado da China, em detrimento das canoas de madeira. Antes, seus antepassados, usavam mais de 10m<sup>3</sup> de

madeiras para fazerem um bote e havia riscos para adentrarem na Mata Atlântica, em busca dessa matéria prima, com a qual, há dez anos, fabricavam suas canoas.

A comunidade existente há aproximadamente cento e cinquenta anos transmitiu seus ensinamentos, de geração em geração, e ao longo desse período, optou por exercer suas funções, já há uma década, com as canoas feitas de fibra de vidro, que possuem durabilidade, resistência, boa qualidade e baixo custo, mais finas e mais fortes, e por isso, superiores às embarcações de madeira, principal recurso natural explorado para a confecção das canoas. Bem aceita e aprovada pelos trabalhadores, a segura e recente tecnologia substituiu a confecção dos botes feitos dos troncos de Guabiruvu, Timburi e Figueira, centenárias árvores da Mata Atlântica, e tornou-se uma saída para os enfrentamentos ao ICMBio, o qual restringiu o uso dessas árvores, sendo a fibra de vidro um material reconhecido pelos pescadores como benéfico para o meio ambiente.

Németh e Netto (2011, p. 12) cita em seu artigo Márcia Regina Teixeira da Encarnação:

*“Os homens dos sambaquis, nesta região, teriam constituído um grupo humano (...) adaptado às condições de vida impostas pelas características geográficas da planície costeira marinha e pelo sistema lagunar. Suas canoas devem ter singrado as águas das lagoas e os rios regionais, por todos os recantos, vasculhando aquela homogênea região geográfica. Os homens dos sambaquis constituíram ali, uma civilização de canoeiros e um grupo humano conchóforo e ictiófago por excelência.”*

O domínio dessas habilidades foi comprovado pela firmeza dos relatos que revelaram a solidariedade com outros que pertencem àquela terra, através do ensinamento e da convivência ao longo do tempo. Lutam pela obtenção de renda para a compra de resina, da fibra e para ajudar quem é do local. Para fazer canoas, um ajuda o outro, mas a cada pescador é limitado o direito de possuir até dez canoas. É através da cera da carnaúba, árvore típica da Mata Atlântica, portanto da região, que é feito o desmoldante para selar as canoas de fibra e não permitir que uma fibra cole na outra.



**Figura 2:** Orla de Matinhos e as canoas dos Caiçaras Fonte 2: Michel Santos

Enquanto uma canoa de madeira dura uns cem anos, a de fibra de vidro dura duzentos. Resistem ao tempo, ao risco e aos desgastes. Suportam com mais eficácia as viagens e os longos deslocamentos. O interlocutor relatou o histórico das confecções de canoas de madeiras que ele viu acontecer em família, numa tradição passada de bisavô, avô, feitas das árvores de Figueira, Timburi, Guapiruvu. Quando a canoa de madeira se estraga, se parte ao meio, pode-se levar até cinco meses para o remendo. A canoa de fibra é mais fina, entretanto mais resistente. O casco de Matinhos é um dos mais resistentes do mundo, muito valorizado e reconhecido no mercado. Um motor custa hoje de quinze a vinte mil reais. Segundo o entrevistado, as adaptações para a colocação dos motores são todas invenções e adequações dos caiçaras. Desde criança aprenderam a trabalhar com canoa de

madeira, mas já há dez anos essa família de pescadores trabalha com canoas de fibras e gostam muito. Hoje a despesa para fabricar uma canoa de fibra com motor, com fibras importadas e com redes custa em torno de cinquenta mil, enquanto pagaria setenta mil se fosse comprar uma.

São feitas canoas apropriadas para as suas funções, que para o pescador devem ser mais resistentes e maiores, ao passo que as bateras servem apenas para brincar na beira da praia, esclarece o pescador.

“A canoa caiçara é então, não só o resultado da escavação sistemática de um único tronco de madeira, apresentando semelhanças estéticas e técnicas na parte de “tosamento”, de feitio das “garras” ou “patilhas”, do posicionamento e fixação dos bancos, do acréscimo caso necessário de “sobreproua”, “sobrepopa” e “bordadura” e do uso de acessórios comuns tais como remos e velas; mas principalmente a materialização física do conhecimento de uma técnica tradicional única, empregada em todas as suas etapas de construção, que ocorre dentro de um território cultural específico denominado *Caiçara*” (NÉMETH; NETTO, 2011, p. 15).

Os pescadores têm autonomia para numerar suas canoas sem ter que seguir alguma burocracia pré-determinada. O interlocutor se orgulha da produção que realizam e do trabalho eficaz que é possível realizar no mar, com a qualidade ímpar das canoas que fabricam em Matinhos, que velozes cortam as águas, mas que nada fariam sem esses homens, extensão daquele objeto, que se coisifica em um só, pescador e canoa, comparado a um centauro.

“É através dessa imersão que as coisas são trazidas à vida”. (Ingold, 2012:32).

“Poder-se-ia dizer o mesmo de um pássaro-no-ar, ou de um peixe-na-água. O pássaro é o seu voar; o peixe o seu nadar. [...] Cortados dessas correntes, eles estariam mortos”. (Ingold, 2012:33).

E cortando as águas e os ventos, as canoas avançam:

“As pipas estavam agora imersas em correntes de vento. A pipa que repousava sem vida sobre a mesa dentro da sala tinha se transformado numa pipa-no-ar. Não era mais um objeto – se é que jamais o foi – mas uma coisa. Assim como a coisa existe na sua coisificação, a pipa-no-ar existe no seu voo”. (Ingold, 2012:33).



**Figura 3:** Pescadores e Canoas artesanais de fibra Fonte 3: Michel Santos

Além de tudo, o interlocutor explicou que tem que colocar o motor que é caro, e que portanto, para realizarem suas labutas, eles fazem várias adaptações e invenções para driblar os altos investimentos e persistir no pescador e no trabalho com fibras, preservando os conhecimentos básicos sobre as canoas de madeira, que aprendeu na infância. Caso fossem comprar canoas, gastariam muito mais do que na confecção.

“Como os praticantes no ASO, o que o cozinheiro, o alquimista e o pintor fazem não é impor forma à matéria, mas reunir materiais diversos, combinar e redirecionar seu fluxo tentando antecipar aquilo que irá emergir”. (Ingold, 2012:36).

Mas as crianças hoje aprendem muitas das habilidades dos adultos dali, porém elas ainda não aprendem a trabalhar com fibra, por ser uma difícil empreitada.

“Na cozinha as coisas são misturadas em combinações variadas, gerando nesse processo novos materiais que serão por sua vez misturados em combinações variadas, a outros ingredientes num processo de transformação sem fim” (Ingold, 2012:35).



**Figura 4:** Canoas e redes confeccionadas pelos Caiçaras Fonte 4: Michel Santos

Segundo o pescador, “os peixes do litoral paranaense, em geral tainha e cavala, só são comercializados na região e não se pode vender peixes de outras localidades para concorrer com o mercado de peixes desse território”. O pescador considera cem, cento e cinquenta quilos de peixes por dia, uma boa pescaria.

Assim que ouvimos alguns pescadores, passamos por entre os recintos do mercado, onde em cada um, os funcionários exerciam suas funções de separação e limpeza das espécies de peixes, da organização e da venda. Fomos conhecendo alguns espaços internos do mercado e como tudo funciona por ali. Um dos funcionários do mercado mostrou-nos como se dá o processo de limpeza dos peixes para colocá-los à venda. Naquela mesa havia tipos diferentes de peixes. Os peixes-porco, tainha, misturinha de (bagre, corvinha, cação), salteira, peixes-galo, linguado, cascudo de misturinha, robalo e camarão de sete barbas. Ao passar por outro recinto, encontramos mulheres realizando a limpeza dos camarões, e uma delas, gentilmente explicou que as mulheres da Colônia têm uma participação indireta, todavia fundamental na colaboração com o trabalho dos pescadores, e ao contrário do que dizem ou do que pensam, elas também pescam, apesar de serem em momentos reservados com seus maridos.

“[...] A cultura de uma sociedade”, [...] “consiste no que quer que seja que alguém tem que saber ou acreditar a fim de agir de uma forma aceita pelos seus membros.” (Geertz, 2008:8).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

“[...] como no estudo da cultura a análise penetra no próprio corpo do objeto – isto é, começamos com as nossas próprias interpretações do que pretendem nossos informantes, ou o que achamos que eles pretendem, e depois passamos a

sistematizá-las -, a linha entre cultura (marroquinas) de todas as coisas, desde a violência, a honra, a divindade e a justiça, até a tribo, a propriedade, a patronagem e a chefia”. (Geertz, 2008:11).

O propósito desta investigação de estrutura etnográfica e numa perspectiva da educação ambiental, através das descrições das conversas com pescadores da Colônia, foi obter um contorno do diálogo realizado com líderes comunitários da Colônia de Pescadores do centro da cidade Matinhos-PR, acerca dos conhecimentos e saberes dos pescadores daquela redondeza. Tais referências elucidaram o valor desses saberes, experiências, vivências e formas de sobrevivência dos povos caiçaras e o significado das simbologias presentes nesse cenário por nós visitado.

Németh e Netto (2011, p.17), afirmam que ao agregarmos o adjetivo “caiçara” à palavra canoa, estamos qualificando um tipo de embarcação, a canoa caiçara, tornando-a um objeto único, com características especiais associadas a uma população tradicional específica denominada *Caiçara*, possuidora de tradições, saberes e cultura próprias.

O pescadores de Matinhos são possuidores de muita cultura adquirida ao longo de cento e cinquenta anos, passada de geração em geração, e que conserva importantes conhecimentos acerca da confecção de canoas, ferramentas de trabalho, redes, dentre outros instrumentos de pesca e exibem uma riqueza de diversidades náuticas artesanais construídas por eles. Primeiramente, a fabricação das canoas de madeira foi substituída e superada há dez anos pelas canoas de fibra de vidro. Material que veio deslocar a exploração da matéria prima vegetal da Floresta Atlântica e amenizar os enfrentamentos dos caiçaras às fiscalizações e ao controle amparado pelas leis ambientais realizados pelo ICMBio.

As canoas de fibra chinesa permitiram a fabricação de botes resistentes, de boa qualidade e de baixo custo, que proporcionam durabilidade, economia aos marítimos e benefícios ao meio ambiente.

Conforme clareia Costa (2016), os pescadores não são contra a preservação ambiental, muito menos à criação das Unidades de Conservação, que é uma forma de preservar a fauna, a flora e o ambiente ecológico, mas reclamam da limitação do espaço de trabalho, da pesca industrial e da pesca esportiva, que são os verdadeiros destruidores do ecossistema local, que competem com a sobrevivência da comunidade pesqueira e com a atividade principal do município que gera impactos positivos.

Cabe a nós a incumbência de contribuir, através das nossas pesquisas, a favor da Colônia dos Caiçaras Pescadores de Matinhos, pela manutenção dos interesses da pesca artesanal, do turismo e da pesquisa e dos interesses das Comunidades Tradicionais que devem ser preservados em benefício do fortalecimento de pactos comunitários e da salvaguarda da sabedoria dessa civilização anfíbia, que é minoria e que arrisca ser vítima de um colapso, caso não receba a merecida atenção.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDREOLI, V. M. **Natureza e Pesca: um estudo sobre os pescadores artesanais de Matinhos, PR**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, UFPR, Curitiba – PR, 2007, p. 1-127.

COSTA, A.C.G. **A pesquisa participante no contexto dos conflitos ambientais na comunidade de pesca de matinhos, Paraná**. UFPR, Matinhos, 2016, p. 14 – 120.

FREITAS, A.E.C. **Briga de Galos – ou como brincar batendo boca no quintal** – cada texto em seu contexto. Porto Alegre, 2002, p. 3 – 33.

GEERTZ, Clifford. **Uma Descrição Densa. Por uma teoria interpretativa da cultura**: Rio de Janeiro, LTC, 2008.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. *University of Aberdeen – Escócia*. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, 2012.

NÉMETH, P.S.; NETO, L.B. **O feitio da canoa caiçara de um só tronco: a cultura imaterial de uma nação**, em 25 linhas. São Paulo: NUPUB, 2011, p. 1 – 69.

OLIVEIRA, Roberto. **Ensaio Antropológico sobre Moral e Ética**: Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.

Videos

CANOA CAIÇARA. <http://www.youtube.com/watch?v=fVTDBYidEUA> Acesso em: 02 ago 2018.

O CANTO DAS CANOAS.

<http://www.lisa.usp.br/producao/videos/catalogoCantoDasCanoasWMV.shtml> Acesso em: 02 ago 2018.

SOCIOAMBIENTAL. Oficina de Construção de Canoa na Terra Indígena Yanomami.

<http://www.youtube.com/watch?v=uDX2BzUFQA4> Acesso em: 02 ago 2018.

RENATASOUZALITORAL. Evaldo Canoa caiçara. <http://www.youtube.com/watch?v=21hw-1rjv4> Acesso em: 02 ago 2018.

CICEROSPIRITUS. Antonio Rafael - parte 1.

<http://www.youtube.com/watch?v=-dXQV3owBZc> Acesso em: 02 ago 2018.

CICEROSPIRITUS. Antonio Rafael - parte 2. <http://www.youtube.com/watch?v=pi5ldfuaEFo>

Acesso em: 02 ago 2018.